

Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada¹

Camila de Alvarenga Assis e Silva²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Resumo

O objetivo deste artigo é levantar hipóteses preliminares para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada “Comunicação, Educação e Cultura: concepções e práticas em duas ONGs” sobre as possíveis interações entre os campos da Comunicação, da Educação e da Cultura no contexto da midiaticização. Em um primeiro momento procura-se expor a maneira como se configura a relação transmissionista e polarizada entre sujeito e objeto nos processos comunicacionais e educativos. Já em um segundo momento, procura-se visualizar como se estabelece a relação interacional entre sujeito e objeto nestes processos. Em um último momento, trabalham-se os conceitos de ecossistema comunicativo e condição comunicacional contemporânea enquanto possíveis apontamentos conceituais para investigar os desdobramentos das possíveis interações entre estes campos.

Palavras-chave: Comunicação, Educação, Cultura, TICs, Midiaticização.

Introdução

No cenário atual, de rápidas e profundas transformações ligadas às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e da sociedade midiaticizada, muito se debate sobre como os avanços nestas áreas facilitam a troca de conhecimentos, permitem a conexão entre os indivíduos, potencializam os intercâmbios culturais e dinamizam processos de aprendizagem, como por exemplo, o Ensino à Distância (EAD).

Para muitas instituições, como a escola, a Comunicação ainda é vista pela perspectiva técnica dos meios e não como uma possibilidade de vislumbrar o mundo de forma crítica, empoderando o interlocutor, reforçando o seu sentimento de pertencimento, tornando-o parte do processo de significação ao mesmo tempo em que o torna capaz de identificar as técnicas e os procedimentos inerentes ao fazer comunicacional, todos influenciados por aspectos internos e externos à indústria da informação. É neste contexto que, para Margarida Kunsch:

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Minas, email: camila.aha@gmail.com.

O debate dos caminhos cruzados entre a comunicação e a educação é um imperativo diante de uma realidade que, transformando-se rápida e profundamente, obriga o educador, não só a acompanhar de perto os passos da implantação das tecnologias da comunicação dentro da escola, mas também a entendê-la em toda sua dimensão política, econômica e social. (KUNSCH, 1986, p.6).

Como pode ser observado em Kunsch (1986), a Comunicação, a Educação e a Cultura possuem interseções ainda pouco exploradas e, de certa forma, negligenciadas por parte das instituições, inclusive dos governos. São escassas as iniciativas que promovem políticas públicas de incentivo ao despertar de um olhar crítico sobre os meios de comunicação (media literacy)³, principalmente entre crianças e jovens em relação aos meios com os quais têm acesso e se relacionam.

Em um cenário contemporâneo marcado pela revolução tecnológica e pela hiper circulação de informações, o exercício do olhar crítico e a atenção às peculiaridades que envolvem o processo de produção da informação se tornam extremamente importantes para que o sujeito se posicione no mundo de forma consciente. Nesta perspectiva, vale ressaltar que as aplicabilidades interacionais dos meios de comunicação junto a processos educativos não devem ser pensadas somente pelo viés da regularização de conteúdos – nos veículos midiáticos - que não sejam considerados educativos, principalmente para crianças e adolescentes, ou somente pelo viés da educação para a mídia.

Como bem ressaltam Siqueira e Canela (2012), proteger o público de conteúdos inapropriados e promover a formação de leitores e produtores críticos e autônomos não é o suficiente.

“a regulação da mídia não se dá somente a partir de que os conteúdos audiovisuais apresentem riscos ao desenvolvimento da população infanto-juvenil. Em outras palavras, é preciso também atentar aos benefícios auferidos da interação com a mídia”. (SIQUEIRA; CANELA, 2012, p. 15).

Assim, com a intenção de levantar hipóteses sobre as possíveis inter-relações entre os campos da Comunicação, da Educação e da Cultura no contexto da sociedade midiaticizada, tomou-se como passo inicial a realização de uma revisão bibliográfica preliminar baseada em referenciais teóricos pertencentes tanto ao campo da Comunicação Social quanto ao da Educação e da Cultura.

³ Termo usado para caracterizar o conjunto de habilidades e competências necessárias para se viver e trabalhar no contexto contemporâneo marcado pela popularização das tecnologias de comunicação e informação.

No primeiro momento, busca-se tratar sobre como as visões transmissionistas da Comunicação e da Educação reduzem a participação do sujeito, nos processos comunicacionais e de aprendizagem, ao ponto de vista da recepção, polarizando a interação sujeito-objeto. Em um segundo momento objetiva-se a problematização do contexto da sociedade midiaticizada com a finalidade de se pensar como essa discussão promove a expansão da visão polarizada entre sujeito e objeto ao propor a interação entre eles, apresentando uma perspectiva mais abrangente das inter-relações entre a Comunicação, a Educação e a Cultura.

Já no terceiro momento são trabalhados os conceitos de “ecossistema comunicativo” e “condição comunicacional contemporânea” para investigarmos um possível apontamento rumo a um desdobramento conceitual destas inter-relações entre Comunicação, Educação e Cultura na sociedade midiaticizada. Nesta proposta, os vínculos entre Comunicação e Educação são compreendidos por um plano epistemológico, no qual a relação entre estes campos se dá nas atividades dialógicas⁴ e dinâmicas entre sujeitos que interagem em um mundo de significados.

Além disso, este plano reflete sobre o estabelecimento das novas redes de saberes diversos e experiências plurais resultantes dos encontros entre os processos comunicacionais, socioculturais e a educação, que vivencia o desafio das TICs, das intercorrências das culturas midiáticas e das novas maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo. Neste contexto, a Cultura é vista como o pano de fundo onde ocorrem estas relações e que, ao mesmo tempo, passa por constantes mudanças decorrentes destas mesmas intercorrências.

1. Comunicação, Educação e Cultura: a visão polarizada das instituições tradicionalistas

Segundo Kensi (2008) “a relação biunívoca em que se entrelaçam educação e comunicação engloba os mais diferenciados assuntos, concepções e linhas teóricas, práticas, sujeitos, tempos e processos formais e não-formais, conscientes e determinados, ou nem tanto assim”. (KENSKI, 2008, p. 650). Entretanto, no âmbito destes debates observa-se que grande parte da discussão se refere à relação polarizada entre os sujeitos e seus objetos.

⁴ O dialogismo, conceito elaborado por Mikhail Bakhtin, define o texto como uma composição de muitas vozes, de muitos textos ou discursos que se entrelaçam, “se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto” (BARROS, 2013, p. 33). Sendo que a dimensão ideológica da linguagem está sempre envolvida neste percurso.

Boa parte dos debates epistemológicos sobre o estatuto da comunicação e da educação ocorrem em torno da discussão sobre a relação entre os sujeitos e seus objetos. As abordagens tradicionais em ambos os campos, trabalham com paradigmas que tomam de empréstimo perspectivas comportamentalistas de fundo funcionalista-pragmático, empiricista e matemático, que submetem tanto o processo de educação, quanto o de comunicação à ideia transmissionista. (ALVARENGA *et al.*, 2014, p.70).

Neste contexto, as abordagens que tratam o processo da Comunicação e o da Educação de forma pragmática e transmissionista consideram que os sujeitos são: de um lado emissores/educadores e de outro receptores/educandos, sendo que entre os primeiros e os segundos existem os ruídos, que representam tudo que possa interferir no processo de codificação e decodificação/aprendizado por parte dos receptores/educandos.

De acordo com esta visão, “comunicar e educar seria produzir um movimento de transferência de um polo a outro”. (BRAGA, 2014, p. 157 e BRUNO, 2012, p. 119). Neste caso, os processos de Comunicação e Educação são considerados resultados de uma recepção passiva, advinda da imposição de um polo (emissor/educador) sobre outro (receptor/educando).

Apesar de criticada e desconstruída pela perspectiva interacionista e pela vertente dos estudos culturais, especialmente, a obra de Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, publicada em 1987, esta perspectiva funcional, pragmática e empiricista, continua viva e ainda atuante na gestão de processos educativos e comunicacionais, especialmente, nos ambientes institucionais. (ALVARENGA *et al.*, 2014, p. 3).

Neste caso, os sujeitos são postos como meros receptores e considerados ativos somente quando respondem, em forma de feedback, a um estímulo. Desconsidera-se completamente o contexto no qual eles se inserem no momento em que ocorre o processo comunicativo ou educativo, fator já considerado por Martín-Barbero desde 1980, quando assinalou, em “*Dos meios às mediações*”, para a importância da inserção cultural do receptor como mediação fundamental entre a sociedade e a mídia de massa.

Em relação às fronteiras de interação do campo da Comunicação com os processos de Educação, Melo e Tosta (2008) consideram a mídia como um sistema constituído pelos meios de comunicação “que funcionam em convergência histórica com a rede educativa, particularmente a escola, onde se concretiza a formação dos cidadãos [...]” (MELO; TOSTA, 2008, p. 11).

Com o avanço das TICs esta convergência é reforçada e apresenta, cada vez mais, incontáveis possibilidades de interseção entre estes campos. A tecnologia, a internet e as

redes sociais ampliam as capacidades educativas e ultrapassam os muros da escola, afetando o cenário da Cultura e, também, sendo afetado pelos circuitos culturais.

Por outro lado, Martín-Barbero (2014) aponta que, principalmente na América Latina, a visão desta interação por parte dos governos é a de que a Cultura não está diretamente relacionada com o desenvolvimento tecnológico dos meios, tampouco a Educação. De acordo com ele

Os feudos políticos continuam mantendo separadas as políticas nos âmbitos da cultura e da comunicação com relação ao da educação, e nessa ausência de relações nossos países estão jogando fora sua própria visibilidade tanto social como produtiva, tanto política como cultural. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.54).

Uma vez que a importância da aproximação das políticas públicas nos âmbitos da Cultura, da Comunicação e da Educação ainda não é reconhecida, o desafio em questão pode estar na superação das visões tradicionalistas, tanto por parte dos educadores quanto dos profissionais de comunicação e das instituições que representam cada campo.

Cabem a eles reforçarem este laço por meio do estabelecimento de novos olhares e da aplicabilidade de novas possibilidades que surgem das diferentes formas de lógica operacional da Comunicação, da Educação e da Cultura, principalmente, no contexto da sociedade midiaticizada.

2. Perspectivas interacionais entre os campos da Comunicação, Educação e Cultura sob a ótica da midiaticização

Se, por um lado, as abordagens tradicionais da Comunicação e da Educação submetem ambos os processos a uma ideia transmissionista, relegando a participação do sujeito somente enquanto receptor ou educando, por outro lado, observa-se que no contexto da sociedade midiaticizada esta visão se torna ultrapassada e desarticulada com os processos interacionais e a configuração das produções simbólicas cotidianas.

Na sociedade midiaticizada, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiaticizadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos

e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. (BRAGA *apud* JESUS, 2013, p. 1).

Grande parte de nossa subjetividade e produção simbólica é permeada por este campo de interação entre as tradicionais estruturas de comunicação de massa e a internet. O processo de midiaticização, construído no fluxo da vida cotidiana entre os meios de comunicação e nos processos de subjetivação, reconfiguram nossos modos de ser e nossa vida coletiva. (JESUS, 2013).

As afetações do processo de midiaticização realocam produtores e receptores, bem como educadores e educandos. De acordo com Antônio Fausto Neto (2008, p. 93), no período da “sociedade dos meios”, as mídias “[...] teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos”. A sociedade sofria os efeitos dos meios de comunicação de massa sem poder controlá-los.

Por sua vez, na sociedade midiaticizada, “a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade”. (FAUSTO NETO, 2008, p.93). Aqui, o sujeito convive com outro circuito comunicacional, no qual tem acesso a diferenciados estímulos de informação, mensagens e conteúdos (quer seja audiovisual, sonoro ou textual) e pode, a partir de sua apropriação de sentido, compartilhar socialmente suas interpretações, também por meios diferenciados (imagem, texto e som), de forma interativa e, até mesmo, gratuita.

É no cenário da sociedade midiaticizada, dos novos paradigmas sociotécnicos, da ambiência midiática, da presença dos nativos digitais⁵, de formas de sensibilidade e sociabilidade orientadas por outras percepções dos vínculos entre tempo e espaço, que podemos refletir sobre as formas atuais de configurações inter-relacionais entre a Comunicação, a Educação e a Cultura. (CITELLI, 2010).

Nesta perspectiva, devemos pensar a Comunicação não como o sinônimo de mídia ou dos meios de comunicação pura e simplesmente, mas como um campo que assume um importante papel na configuração das mediações, das interações socioculturais e na organização da sociedade. Afinal, de acordo com Sonia Livingstone (2009) citada por

⁵ Em seu artigo Comunicação e educação: implicações contemporâneas Adilson Citelli explica que esta expressão é utilizada por Marc Prensky para designar aqueles que nasceram sob o signo da revolução informacional, telemática, sendo por ela embalados. Ao contrário, os migrantes digitais, herdeiros da sociedade industrial, têm que se adaptar aos novos paradigmas sociotécnicos. PRENSKY, Marc. Don't bother me, mom. I'm learning. (Não me aborreça, mãe. Estou estudando). St. Paul: Minnesota: Paragon House, 2006.

Andreas Hepp (2014, p.53), “nossa vida atual é marcada pela ‘mediação de tudo’ que age em diferentes mídias ao mesmo tempo”.

Tampouco a Educação pode ser remetida ao território institucional formal e da fala unidirecional do professor em sala de aula, mas sim, considerada como um campo aberto ao diálogo, às interações e às trocas mediatizadas e, também, como uma rede educativa que perpassa por tudo: trabalho, ócio, lazer, casa, escritório, etc.

Aprende-se em qualquer lugar e de diversas formas, não somente no espaço institucional da escola. Para Paulo Freire “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado”. (FREIRE, 1985, p. 46).

Dessa forma, o encontro da Comunicação, da Educação e da Cultura pode acontecer por meio de “andamentos dialógicos” (CITELLI, 2010), que desencadeiam relações intersubjetivas e formas de coenunciação em detrimento da recepção – termo concebido nas teorias informacionais – que se propõe à ideia de que a comunicação se torna completa quando os campos de sentidos colocados em circulação social são apreendidos, o que torna possível a constituição de fluxos de mensagens, sempre adiante, pelos agentes implicados neste processo comunicacional.

A fim de melhor compreender os meandros desta totalidade de circuitos de retroalimentação, que envolvem desde o plano da produção material até os jogos enunciativos, passando pelas estratégias de composição e circulação das mensagens, no próximo tópico serão tratados os termos ecossistema comunicativo e condição comunicacional contemporânea.

3. Ecossistema Comunicativo e Condição Comunicacional Contemporânea

A interação entre sujeito e objeto nos processos de comunicação e educação, proposta como forma de superar uma visão polarizada e transmissionista, se dá no âmbito da dialogicidade, da mediação, da troca e da valorização da diversidade cultural. O sujeito não recebe passivamente os estímulos do emissor e sim, os ressignifica de acordo com sua vivência, repertório e subjetividade, colocando novamente em circulação social a mensagem reinterpretada.

A textura dialógica se encontra tanto na textura do símbolo como na constituição da subjetividade: o eu só se torna real na reciprocidade

da Interlocação. Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim de outra palavra, da resposta de um outro. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 33).

Dessa forma, o processo de produção e circulação de sentidos se faz por meio da linguagem, que é mais do que uma forma de expressar ideias e veicular discursos e narrativas. A linguagem é “uma forma de habitar o mundo, de se fazer presente nele, de compartilhá-lo com outros homens”. (MARTÍN-BARBERO *apud* ALVARENGA *et al*, 2014, p.3).

É por isto que a Comunicação e a Educação não devem ser pensadas somente considerando os meios como dimensões a elas exteriores e acessórias, nem pensá-las como acionadas exclusivamente pelos meios. O desafio é concebê-las como um dos lugares da construção dos sentidos sociais. “Para além dos meios, mas não sem eles” (BACCEGA, 2008, p. 3).

Nesta perspectiva, um enquadramento conceitual que se refere ao reconhecimento da singularidade e complexidade da comunicação - por meio dos conceitos de “ecossistema comunicativo” (Martín-Barbero, 2000 e 2014) e “condição comunicacional contemporânea” (Orozco, 2014) - pode-se mostrar central para reverter a visão reducionista e antiquada em relação à Comunicação e a Educação além de proporcionar uma análise da relação entre elas.

Martín-Barbero em concordância com Pierre Lévy em sua obra “As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática” - em que o autor afirma que “o pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações” (LÉVY, 2004, p.83) – faz referência, tanto em sua obra “A comunicação na educação” (2014) quanto no artigo “Desafios Culturais da Comunicação à Educação” (2000), a um termo essencial para a análise da relação entre Comunicação, Educação e Cultura: o “ecossistema comunicativo”. De acordo com ele:

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias - desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet - com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os jovens. [...] Uma segunda dinâmica, que faz parte desse novo ecossistema no qual vivemos, e que é a dinâmica da comunicação, liga-se ao âmbito dos grandes meios, ultrapassando-os, porém. Ela se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimento

múltiplos, não-centrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege e que tem muito claros seus dois centros: a escola e o livro. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54).

Nesta perspectiva, o livro é importante sim, mas para uma primeira alfabetização, aquela que fomenta a escrita. Contudo, ela deve ser acompanhada por uma segunda alfabetização “relacionada às múltiplas escrituras que o audiovisual e o texto eletrônico permitem. Não se trata de pensar a substituição de uma coisa pela outra, mas a complexa articulação e imbricamento de uma coisa na outra”. (ALVARENGA *et al.*, 2014, p. 4).

É neste contexto que o ecossistema comunicativo compreende toda a complexidade das redes e saberes cada vez mais mediados por dispositivos tecnológicos e pela expressão da diversidade cultural (ALVARENGA *et al.*, 2014), que também deve ser levada em conta de acordo com a abordagem de Barros:

Por resultar das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições, que por sua vez são opostos, divergentes e contraditórios, a Diversidade Cultural, promove, a partir de suas diferenças, tanto a multiplicidade cultural e intersubjetiva, como também, a partir de suas desigualdades, tensões e conflitos (BARROS *apud* BARROS *et al.*, 2011, p. 19).

O ecossistema comunicativo é dinâmico e marca a vida nas sociedades contemporâneas, em especial a dos jovens. Ele é constituído por novos meios, linguagens e padrões de escrita, além da hegemonia da experiência audiovisual e a integração da imagem no campo da produção de conhecimentos. (ALVARENGA *et al.*, 2014).

Por sua vez, o conceito de condição comunicacional contemporânea é expresso por Orozco (2014) para designar o processo em que o comunicativo assume lugar central na organização da sociedade, das interações socioculturais e das mediações.

É essa condição comunicacional que permite aos participantes dos processos comunicativos mediados por telas, desconstruir, de maneira real ou material, e não somente reinterpretar, ressignificar ou desconstruir simbolicamente, como de fato sempre foi possível, os objetos de seu intercâmbio comunicativo. (OROZCO, 2014, p.31).

Dessa forma, para o autor, sempre foi possível a reinterpretação ou desconstrução simbólica dos objetos de intercâmbio comunicativo por parte dos participantes dos processos comunicativos. Entretanto, agora, esta condição comunicacional é mediada por telas e permite a estes participantes uma desconstrução de maneira real ou material.

A configuração do ecossistema comunicativo contemporâneo, para Orozco (2014), é marcada por duas mudanças centrais: 1) o trânsito da condição de receptor/audiência para a condição de usuário/prosumidor (produtor + consumidor) – conceito próximo de coenunciador/coenunciação, abordado no tópico anterior – e 2) o processo de migração do analógico para o digital. Tais mudanças nessas formas de produção e circulação de conhecimento, segundo Martín-Barbero (2014), são das transformações mais radicais que uma sociedade pode viver.

O descentramento do conhecimento, que faz com que ele circule por outros meios que não apenas os livros altera a nossa forma de ler a realidade; a deslocalização permite que o conhecimento possa se dar em vários outros espaços e em outras temporalidades que não apenas no espaço/tempo escolar. (ALVARENGA *et al.*, 2014, p.5).

Assim, por meio desses conceitos, é possível relacionar as mudanças da mídia e da comunicação, por um lado, e as mudanças socioculturais e educacionais, por outro, de forma a compreender melhor como as configurações comunicativas da sociedade midiaticizada interferem nos processos inter-relacionais da Comunicação, da troca de conhecimentos, do intercâmbio cultural e, também, como estes mesmos processos interferem nas próprias configurações comunicativas da sociedade midiaticizada e fomentam as mudanças midiáticas, comunicativas, socioculturais e educativas.

4. Considerações Finais

A forma como os processos comunicacionais e educativos são vistos e considerados pelas instituições afeta diretamente o ambiente sociocultural contemporâneo. A maneira como se constitui a sociedade, cada vez mais relacionada com os meios de comunicação, coloca o sujeito em uma posição de coenunciador dos processos comunicativos.

Esta constituição da sociedade midiaticizada evidencia as potencialidades interacionais dos sujeitos com seus objetos, diversifica as mediações, amplia o campo de produção simbólica e os formatos de aprendizagem, promovendo mais possibilidades de ressignificação e compartilhamento de conteúdos com outros sujeitos, por diversos meios, de maneira a formar toda uma rede de saberes diversos e experiências plurais.

Tudo que está associado a isto, e não somente os meios por onde isto acontece, é Comunicação. São, também, processos educativos e, ainda, fundamentam a diversidade

cultural. O que pode reforçar, ainda mais, os laços inter-relacionais entre a Comunicação, a Educação e a Cultura.

Os conceitos de ecossistema comunicativo e condição comunicacional contemporânea abarcam muitos aspectos do que é vivenciado pelos diversos atores dos processos de Comunicação e Educação - novas sensibilidades, formas de sociabilidade, produção de sentidos e escritas.

Entretanto, se por um lado, os sujeitos das interações comunicacionais têm acesso a uma maior quantidade de informações, aprendem por diversas plataformas, em diferentes espaços e o tempo todo, por outro, ainda são considerados meros receptores por grande parte das instituições. Estas, ainda consideram a relação sujeito-objeto de forma polarizada em detrimento de uma visão interacional.

Basta ter acesso aos Planos Nacionais de Educação do Brasil para notar como a questão da Comunicação está reduzida aos seus aspectos instrumentais e acessórios à Educação, mesmo diante de uma realidade sociocultural contemporânea que vai contra esta perspectiva. Como apontado no texto, é preciso superar esta visão tradicionalista e polarizada dos processos comunicativos e educativos de forma a reconhecer, fomentar e valorizar o protagonismo do sujeito nestes processos levando em conta o contexto sociocultural no qual ele se insere. E não somente impor como regra uma configuração já estabelecida destes processos, todavia ultrapassada.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, C. *et al.* A comunicação no Plano Nacional de Educação do Brasil: uma aproximação crítica. **Cuadernos.info**, Chile, vol. 35, p. 69-81, dezembro 2014. Disponível em: <<http://cuadernos.uc.cl/uc/index.php/CDI/article/view/cdi.35.651/pdf>>.

BACCEGA, M. A. (2008). Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção. **NP Comunicação Educativa, VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXXI Intercom**. In: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0134-1.pdf>

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.p.1-9.

BARROS, J. M. *et al.* Relatório de Pesquisa: **Mapeamento de Políticas para a Diversidade Cultural**: Estudo de caso de Belo Horizonte, 2011. Disponível em <<http://observatoriodiversidade.org.br/site/pesquisa/pesquisas/>>.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUNO, A. R.; PESCE, L. M.; BERTOMEU, J. V. C. Teorias da educação e da comunicação: fundamentos das práticas pedagógicas mediadas por tecnologias. **Revista Teias**, vol. 13, n. 30, p. 119-143, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1366>>.

CITELLI, A. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. **Revista Comunicação & Educação**, Ano XV, n. 2, maio/ago 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44821/48453>>

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, v. 1.

_____. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisas da midiatização na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**. Revista do Programa de Pós-graduação da ECA-USP. São Paulo: ECA-USP. V.8. Nº 1 – jan/jul 2014. pp. 45 – 64. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/82930/85964>

JESUS, E. de. Em torno da comunicação e da arte na contemporaneidade. In: PESSOA, Fernando (org). **Cyber – Arte – Cultura: a trama das redes**. Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2013. Disponível também em: <www.academia.edu/4147070/Em_torno_da_comunicacao_e_da_arte_na_contemporaneidade>

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial p. 647-665, out. 2008.

KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 6, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>>

_____. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OROZCO, G. G. (2014). **Educomunicação – recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Petrópolis: Paulinas.

SIQUEIRA, A. B. de; CANELA, G. Os porquês de uma política nacional de mídia- educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 13 – 21 jul/dez, 2012.